

Do amor entre mulheres ao amor entre bonecas: relato de uma atriz e seus processos criativos

Tuany Fagundes

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis, Brasil)



Figura 1 - Espetáculo de teatro lambe-lambe *Julia e Carla*. *Carla e Julia - Uma história de amor*. Foto: Beatriz de Aquino (Uberlândia, 2018).

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020303>

Resumo: Este artigo relata parte de dois processos artísticos em teatro de animação que a autora desenvolveu durante o curso de Mestrado em Artes Cênicas na UFU (Universidade Federal de Uberlândia). O estopim criativo foi a necessidade da autora em conhecer mais espetáculos em teatro de formas animadas que mostrassem histórias de amor entre mulheres (como lésbicas e bissexuais), uma vez que ela mesma é homossexual. Esta exposição traz reflexões e criações realizadas com teatro de sombras, teatro de objetos e teatro lambe-lambe, além de dialogar com artistas mulheres que foram inspiração e grande influência nas experiências cênicas e espetáculo criado pela respectiva autora.

Palavras-Chave: Teatro de animação. Mulheres artistas. Processo criativo. Amor entre mulheres.

**From love between women to love between dolls:
an actress report on her creative processes**

Abstract: This article reports part of two artistic processes in Puppet Theater that its author developed during the Master's degree in Performing Arts in UFU (Universidade Federal de Uberlândia). The creative trigger was the author's need to know more theater of animated forms shows that would present love stories between women (like lesbians and bisexuals), since the author herself is homosexual. The processes' display brings up reflections and creations made in shadow theater, object theater and lambe-lambe theater, besides dialoguing with women artists who served as inspiration and great influence on the scenic experiences and the spectacle created by the respective author.

Keywords: Puppet theatre. Women artists. Creative process. Love between women.

Quem já fez alguma oficina ou mesmo um curso acadêmico de Teatro conhece bem o que significa a frase: “andando pelo espaço”. É um dos primeiros exercícios práticos que frequentemente fazemos para que o grupo ou a turma se ambiente com o espaço em que se encontram, seja uma sala de aula, um auditório ou uma praça pública. Esse exercício serve para que nos percebamos mutuamente, para que observemos todas as pessoas que farão atividades conosco naquele dia ou mesmo por todo o semestre.

Depois que começamos a andar, vêm indicações como: “procure ocupar espaços vazios”, “evitem andar em círculos”, “procure caminhos diferentes dos quais você frequentemente faz”, “olhe no olho de quem passa na sua frente”, “não olhe para o chão”, “foque num ponto fixo e vá até ele. Depois que chegar nele, vire-se, foque em outro ponto e siga até ele”.

Conforme o andamento do exercício, muitas vezes mudamos de ritmo, andando mais lentamente ou aumentando gradualmente a velocidade até todas estarmos correndo pela sala, ofegantes e cuidando para não colidirmos. O exercício “andando pelo espaço” sempre está ligado a outros, que demandam foco, atenção, e nos deixam preparados para o “aqui e agora” da cena, este que é, a meu ver, um dos elementos centrais do fazer teatral.

Interessante notar que o “aqui e agora” é algo que nos escapa das mãos, pois nossa atenção frequentemente está no que está por vir, e não no que está acontecendo neste momento. “Se estou correndo agora, o que virá depois?”; “Será que estou bem andando dessa forma? Estou fazendo certo?”; “Nossa, comecei a suar, preciso me enxugar”. São pensamentos quase involuntários, mas que aparecem automaticamente em nossas mentes.

Não cabe aqui a devida discussão acerca de nossos constructos sociais e culturais que fazem-nos ser imediatistas, ansiosos e com receio de julgamentos alheios. Porém, é importante pontuar que esse tipo de atividade que põe nossa atenção no agora através do ato de andar, apesar de aparentemente simples, nos exige muita energia e concentração.

Pela minha experiência, enquanto atriz e pesquisadora, quanto mais “andamos pelo espaço” nas aulas e oficinas, mais nos habituamos a essa prática e conseguimos nos entregar mais aos ricos detalhes que ela nos oferece. Através dela ficamos mais atentas e reflexivas, contribuindo até para outras

ações que fazemos no dia a dia. Saber observar é para poucos e exige prática. Então, quem melhor para observar nossas ações quando ninguém nos vê, do que nós mesmas?

Sugiro isso não como uma forma de julgamento constante, onde cada ação ou pensamento tenha que ser calculado, mas sim como uma forma de nos conhecermos mais. Ao escolher o sabor de um sorvete, por que escolhi flocos e não pistache? É um sabor que sempre quero ou é por que hoje decidi experimentar algo que nunca provei antes? Por que estou assistindo este filme e não aquela série? Apesar de adorar usar calça, por que hoje achei mais adequado um vestido? Por que a blusa xadrez e não a de bolinhas? Por que o corte de meu cabelo é curto e não deixo crescer? Por que gostei desse espetáculo, mas essa cena específica me incomodou?

São perguntas que, na verdade, nos fazemos constantemente, e temos as respostas para todas elas, mas não prestamos atenção nessa dinâmica. Não nos atentamos no porquê de cada resposta, cada escolha. Quando temos que tomar decisões que não são tão corriqueiras, parece que só então precisamos decidir algo de verdade. Como mudar ou não de emprego, namorar ou continuar solteira, mudar de cidade ou de país.

São nas pequenas ações que achamos indícios do porquê tomamos as “grandes” decisões¹. Foi assim que percebi como cheguei à decisão de mudar de cidade, de estado, para cursar mestrado em artes cênicas.²

“Andando pelo espaço...”

Neste relato não entrarei na discussão da minha pesquisa como um todo, mas nos pequenos detalhes - para algumas pessoas, os sutis, já para outras, os sórdidos. Para mim, são partes íntimas que escrevi em *post-its* e coleí nas

¹ É interessante observar o que defende Ruth Chang sobre o assunto, em sua palestra “Como Fazer Escolhas Difíceis” (TED Salon NY 2014). Disponível em: https://www.ted.com/talks/ruth_chang_how_to_make_hard_choices?language=pt-br#t-41700. Acesso em 9 de dezembro de 2020, às 13h06.

² Depois de alguns anos após concluir o curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), de 2011 a 2015, fui cursar o Mestrado em Artes Cênicas na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), de 2018 a 2020. Em 2018 morei em Uberlândia e de 2019 a meados de 2020, em Belo Horizonte. Fui orientada pelo Prof. Dr. Mario Piragibe (2019/2020) e pela Profª. Dra. Maria do Socorro Calixto Marques (2018).

paredes do meu quarto ou nos inúmeros cadernos de anotações, que, por mais que tente, nunca consigo organizar ou concentrar todos em um só. São compartilhamentos de pensamentos que influenciaram minhas escolhas, nas vidas pessoal, acadêmica e artística. São anotações e reflexões que não foram registradas de maneira que poderiam ser compartilhadas com outras pessoas, pois ainda estavam dentro de mim, na minha intuição, que antes eu achava que não seriam tão interessantes a ponto de alguém querer saber.

Mas agora, prestando atenção no meu “aqui e agora”, percebo que são realmente importantes, se não, não teriam me trazido até aqui. E quem sou hoje é definitivamente diferente de quem eu era antes. E que poderoso é conseguir entender parte dos processos que construíram minha trajetória, pois foi justamente atentando aos detalhes que hoje consigo enxergar boa parte do meu todo.

“Procurando espaços vazios...”

Em meados de 2016 comecei a perceber que nos espetáculos que assistia, principalmente os de teatro de animação, área a que me dedico enquanto atriz e pesquisadora, eu me emocionava pela empatia que bonecos, sombras e objetos me traziam em cada história.

É surpreendente como podemos nos emocionar mais com um grampeador e um papel em cena do que com uma atriz ou um ator de carne e osso aos prantos. Mas daí vem a capacidade de abstração e pareidolia que o teatro de formas animadas nos possibilita, abrindo espaços para que cada pessoa do público possa projetar-se naquela personagem ou naquela situação, justamente por fugir muitas vezes das referências realistas às quais nós estamos inseridas.

A temática das histórias era o que por vezes não me tocava. A manipulação, a atuação de atrizes e atores eram ótimas, figurino, iluminação, sonoplastia, tudo feito com cuidado e excelência, mas na verdade não contavam histórias que eu gostaria de ver, ouvir, me inspirar.

Podemos cair na discussão de que seria uma “questão de gosto”, mas tem dados que são numéricos e se repetem. Até hoje eu nunca vi ao vivo um espetáculo de formas animadas que tratasse da história de amor de duas

mulheres ou de duas bonecas, por exemplo. Obviamente sou jovem e me falta muito para ser a pessoa que já assistiu inúmeros espetáculos de teatro de animação e que já é uma referência por si só. Porém, na época, mesmo pesquisando na internet, encontrei pouquíssimos com essa temática e em teatro de animação. Conversando com colegas de teatro e amigas, percebi que poucas também tinham tido essa experiência, e se tiveram não foi com regularidade, mas sim casos isolados.

Na época, o que teve mais destaque em minhas buscas foi o espetáculo "A Princesa e a Costureira", inspirado no livro homônimo de Janaína Leslão e vindo aos palcos pelas mãos do Teatro da Conspiração (SP). Apesar de não ser em teatro de formas animadas, pelos vídeos de divulgação e reportagens disponíveis na internet pareceu-me uma obra tocante e sensível.

Infelizmente houve tentativas de impedir a exibição do espetáculo em algumas cidades, por tratar de um conto de fadas onde o foco é um romance homossexual entre duas jovens, onde nenhum príncipe precisa salvá-las. Em "nome da família", práticas de intolerância tentaram proibir crianças e adultos de terem contato com esta história de amor.

Já colegas da área me indicaram o espetáculo "Tropeço", da Cia Tato Criação Cênica, fundada em Minas Gerais em 2004 e sediada em Curitiba/PR desde 2006. Um espetáculo criado em títeres corporais e que conta a história de amor de duas senhoras. Obra que espero poder prestigiar em breve, visto que os comentários de quem assistiu são belíssimos, além do reconhecimento que tiveram por vários prêmios recebidos com esse espetáculo.

Enquanto lésbica, busco dentro da área em que atuo referências constantes. Existem várias bonequeiras, atrizes, iluminadoras e produtoras que são lésbicas, bissexuais, que têm relações com outras mulheres e que, com certeza, se inspiram nelas de várias formas. O mesmo acontece comigo, mas, especificamente, comecei a sentir falta de assistir ao menos uma história de amor entre duas mulheres em teatro de animação. Não precisava ser parecida com as que tive, pelo contrário, existimos nas diversidades das relações, nas subjetividades que nos constroem e nas diferenças de estar umas com as outras.

Com o tempo fui pensando em como poderia contribuir para mudar isso, pelo menos dentro da minha realidade. Se eu não assisti nenhum espetáculo ao

vivo e mesmo os que existem são poucos, enquanto histórias de amor heterossexual são inúmeras – dentro e fora do teatro de animação - eu mesma vou criar algo. Foi assim que, muito resumidamente, decidi fazer mestrado em artes cênicas em Uberlândia, tendo como projeto a criação de um espetáculo em teatro de formas animadas tendo como cerne o amor entre duas mulheres.



Figura 2 - Objetos novos em *Eu Sou Uma Lésbica* (1980) de Cassandra Rios. Foto de acervo pessoal (Belo Horizonte, 2019).

“Ache um foco e caminhe até ele!”

Buscando textos teatrais como possíveis referências, na época só encontrei alguns com histórias trágicas ou mesmo escrito por homens. Um tanto

frustrada, ampliei minha busca e encontrei uma escritora que me chamou a atenção: Cassandra Rios.

O que chamou minha atenção para ela foi o folhetim *Eu Sou Uma Lésbica*, publicada em quatro edições da revista Status, em 1980, tendo como narrativa a protagonista Flávia, que relata desde sua infância acontecimentos pessoais acerca de sua homossexualidade e como se via enquanto lésbica, com conflitos, amores e expectativas. Logo após, em 1983, o folhetim foi transformado em livro, pela Editora Record.

Cassandra Rios, pseudônimo de Odette Pérez Ríos, foi uma escritora brasileira famosa por seus contos eróticos, em grande maioria com protagonistas de sexualidades e/ou expressões de gênero dissidentes - como lésbicas, gays e pessoas trans.

Chegou a ser consagrada a “Papisa do Homoerotismo no Brasil”, em pleno anos 1970/1980, auge do período de governo militar aqui no Brasil. Apesar de ser a primeira mulher *bestseller* em solo nacional, com mais de um milhão de livros vendidos, teve boa parte do conjunto de sua obra censurada e apreendida (chegando a quase 40 títulos), sofrendo dezenas de processos judiciais e ataques. Uma de suas histórias chegou até o cinema, com o filme *Ariella*³.

Diante da surpreendente história de Flávia e de uma autora igualmente poderosa, propus então criar um espetáculo de formas animadas tendo como principal inspiração a história de Flávia, em *Eu Sou Uma Lésbica* (1980). Fui também pesquisar mais sobre outras linguagens do teatro de animação com as quais não tinha tanta afinidade na época (já que meu foco era teatro de sombras), como teatro de objetos e teatro de bonecos.

Em julho de 2017, eu e Fabiana Lazzari (parceira e também co-fundadora da nossa cia, a EntreAberta Cia Teatral) participamos de uma residência artística com a atriz e diretora Ines Pasic, uma das criadoras da linguagem de títeres corporais, em que partes do corpo humano, como cabeça, mãos, joelhos e pés,

³ Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2019/04/23/filme-aborda-a-literatura-erotica-pioneira-de-cassandra-rios-376918.php>. Acesso em: 23 de julho, às 16h. Para saber mais, Cassandra Rios possui um documentário biográfico, dirigido por Hanna Koerich, “Cassandra Rios: a Safa de Perdizes” (2013), além de duas autobiografias: “Censura - minha luta, meu amor” (1977) e “MezzAmaro - Flores e Cassis” (2000).

se tornam personagens e paisagens de espetáculos extremamente tocantes e divertidos⁴.

Baseada nessa residência de quase dez dias em solo peruano, comecei a criar cenas com minhas mãos, pernas, barriga e seios. Foram experimentações muito interessantes, mas que fugiam do que a história de Flávia remetia. Percebi que não era naquele momento que os títeres corporais me levariam ao que eu pretendia.

Lendo e relendo o folhetim, dissecando-o de várias formas para entender melhor as camadas dramáticas da história, a cronologia de cada acontecimento, percebi que talvez o que mais poderia contribuir para o espetáculo que estava sendo construído eram os significados que determinados objetos tinham para Flávia. Passei a debruçar-me no teatro de objetos, tendo como referência uma palestra de Sandra Vargas (atriz, diretora e uma das fundadoras do Grupo Sobrevento/SP), que assisti em 2018 no 3º Colóquio FITA Floripa – Teatro de Sombras e de Objetos, com quem também pude conversar um pouco sobre meu processo dramático. A partir dessa breve conversa, tive mais orientações de como poderia criar dramaturgicamente com objetos.

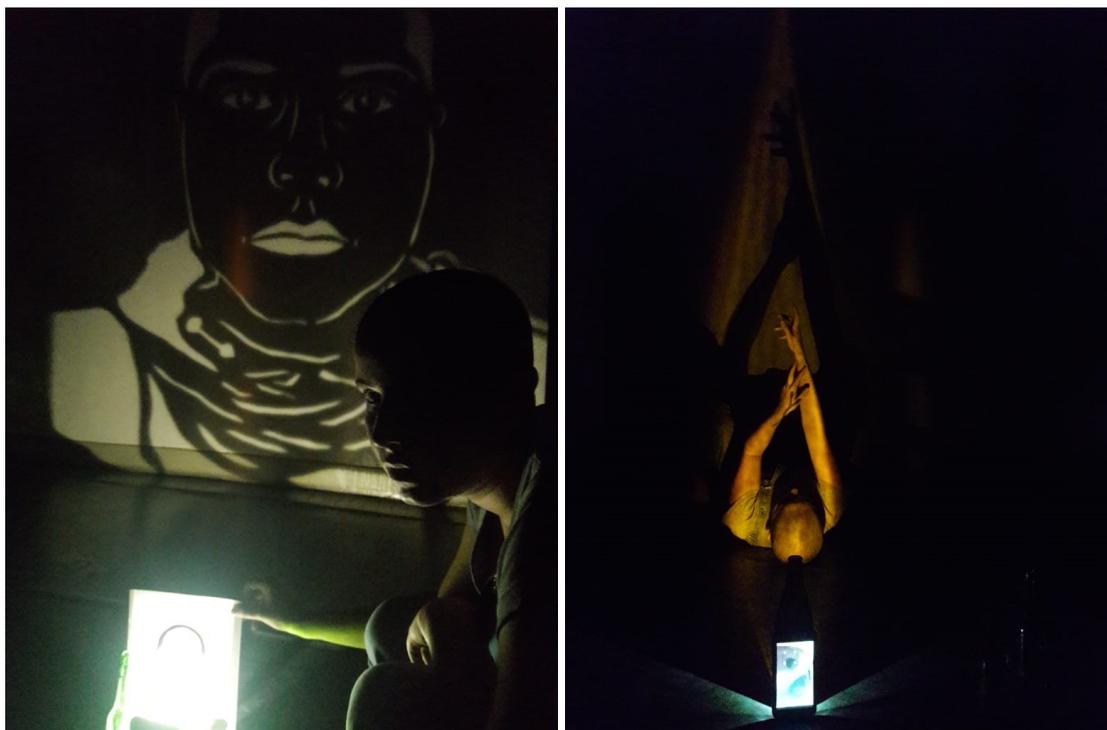
A partir dali construí um roteiro baseado nos principais objetos que Flávia citava na história e o que significavam para ela - como a sandália de salto fino e tirinhas em cima, a máscara da fantasia do Zorro que usou num Carnaval - e inserindo no espetáculo novos objetos, que remetessem a certos acontecimentos na vida de Flávia, principalmente às mulheres com quem se relacionou amorosa e sexualmente.

Fiquei praticamente um ano e meio nesse processo criativo, com várias idas e vindas, pois de Uberlândia fui morar em Belo Horizonte e no meio dessa

⁴ O grupo teatral Hugo e Inés foi fundado por Hugo Suarez e Ines Pasic em 1986. Desde 1989 eles criam e investigam as possibilidades expressivas de cada parte diferente do corpo: pés, joelho, barriga, rosto, cotovelo, etc, construindo bonecos de carne e osso e dando vida a personagens surpreendentes [trecho retirado do site com livre tradução do espanhol]. Disponível em: <https://hugoeines.wordpress.com/>. Ademais, Ines Pasic desenvolve um outro processo criativo no grupo *Gaia Teatro, fundado em 2003. Inspira-se em contos mitológicos de todos os povos e no que atualmente é denominado aspecto feminino da inteligência humana*. Combinam técnicas de manipulação com títeres corporais, objetos, dança e mimo corporal [trecho adaptado do site com livre tradução do espanhol]. Disponível em: <https://gaiateatro.wordpress.com/>.

mudança minha vida tomou rumos inesperados. Um deles foi o que veio a acontecer com esse processo criativo.

Por meio de uma oficina de teatro de sombras que ministrei no Centro Cultural da UFMG, conheci uma das participantes e aquela que se tornou uma grande amiga e parceira de trabalho, a artista visual e educadora Gabriela Guerra. Depois daquela tarde, continuamos a nos encontrar constantemente para conversar e trocar experiências artísticas.⁵



Figuras 2 e 3 - Registros de processo criativo com Gabriela Guerra.
Fotos: Gabriela Guerra (Belo Horizonte, 2019).

Realizamos alguns encontros práticos e experimentamos cenas com sombras, com algumas silhuetas que eu havia construído, com luz do celular e garrafas de vidro coloridas, sendo tudo registrado em fotos. Discutimos sobre o que nos movia pessoalmente e como se estendia às nossas ações artísticas, de trabalhos que já havíamos realizado e outros que ainda queríamos construir. Nossas trocas me moviam a encontrar outras formas de continuar o espetáculo,

⁵ Gabriela Guerra é artista visual e educadora, trabalha com desenho, cenografia e performance. É co-fundadora do coletivo Black Horizonte. Para saber mais: <https://coletivoblack.wixsite.com/blackhorizonte>.

que havia chegado num ponto de crise. Depois de várias questões, pessoais e artísticas, eu me via estagnada, sem saber como seguir.

Com a data da defesa do mestrado se aproximando e o processo longe do ponto que pretendia estar naquele momento, eu tive que tomar uma decisão. Decidi deixá-lo guardado e passar a investir no registro de outro processo artístico, um espetáculo em teatro lambe-lambe⁶, que havia começado em 2018, paralelo ao mestrado⁷, sem pretensão alguma de colocá-lo no trabalho final.

Tomada essa decisão e reorganizando a forma como estava sendo construído meu memorial artístico⁸, minha defesa de mestrado foi com o trabalho *Sombras de Amoras*, em que narro sobre meus dois processos criativos: o espetáculo em teatro de sombras e objetos, baseado na obra de Cassandra Rios, a qual chamei *Amores Ordinários* e outro sobre o espetáculo em teatro lambe-lambe *Julia e Carla. Carla e Julia – uma história de amor*, onde conto o primeiro encontro de duas bonecas que se apaixonam.

Ambos são sobre amor entre mulheres, mas com narrativas distintas, que atingem diferentes públicos e diferentes camadas de narrativa. Em *Amores Ordinários* pretendi explorar questões para público jovem e adulto, com acontecimentos em diferentes linhas cronológicas, explorando mais as subjetividades das personagens, que tinham diferentes histórias e idades, explorando diferentes relações consigo mesmas e com sua sexualidade.

⁶ O Teatro Lambe-Lambe é uma linguagem artística que surgiu em Salvador/Bahia, há 30 anos. Ela consiste basicamente num teatro em miniatura, onde através de um pequeno orifício em uma caixa, uma pessoa por vez assiste a um espetáculo de, geralmente, 3 a 5 minutos. Ela foi criada por Ismine Lima e Denise di Santos, atrizes que se inspiraram em fotógrafos lambe-lambe como uma forma de driblar a censura ainda existente em 1989. Na época, queriam contar uma história muito íntima intitulada a “Dança do Parto”, porém seu público-alvo era na rua e ainda havia censura policial. Então decidiram fazer apresentações individuais, onde cada pessoa olharia por dentro de um pequeno orifício a cena que acontecia dentro de uma caixa. Atualmente existem dezenas de caixeiros e caixeiras no Brasil e no mundo, e cada espetáculo é literalmente uma experiência única, tanto para quem assiste quanto para quem apresenta.

⁷ A construção da caixa de teatro lambe-lambe que iniciei no segundo semestre de 2018 foi devido ao meu ingresso no Grupo de Estudos em Teatro de Animação Nucelten Puppets, coordenado pelo Prof. Dr. Mario Piragibe, na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) em Minas Gerais. Na época com o projeto Cabaret Animado, cada integrante construiu e trouxe a público um esquete com tema e linguagem de sua preferência. Foram trabalhados teatro de bonecos, de luva e manipulação direta, teatro de objetos e teatro lambe-lambe.

⁸ Importante pontuar que na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), o Mestrado em Artes Cênicas pode ser defendido como Dissertação - estudo com escrita mais destinada aos moldes da ABNT, com reflexões que dialogam com uma escrita mais acadêmica - ou como Memorial Artístico, isto é, um registro acerca de um processo artístico que foi realizado durante a pesquisa de Mestrado, que permite formatos mais subjetivos e fora dos padrões da ABNT. Este não é um formato de apresentação de pesquisa permitido em todas as universidades e/ou cursos, sendo em via de regra, a defesa em formato de Dissertação.

Com *Julia e Carla. Carla e Julia*, tive que buscar elementos visuais de rápida leitura, pois a história tem cinco minutos de duração - o que já pode ser considerada longa, tendo em vista que a média de um teatro lambe-lambe é de dois a três minutos. Entretanto, queria fugir de elementos como cabelo comprido, vestido, cor-de-rosa, por serem elementos culturalmente postos a priori como “femininos” ou sendo “coisa de mulher”.

Minha caixa foi construída com materiais de aviação, como miçangas, crochês, agulhas, carretéis, tecidos, linhas, além de tinta preta e branca, para dar um acabamento que integrasse todos os elementos de cena à caixa - inclusive eu, que me integro à caixa através do figurino e da maquiagem. Apesar de querer fugir de certos estereótipos, precisava que existissem elementos que possibilitassem uma leitura imediata de que eram duas mulheres, duas bonecas.

Construí as duas bonecas com “vestidos”, um roxo e outro amarelo, que formam toda a estrutura do seu corpo em formato cone, que sustenta em cada um de seus vértices, uma miçanga grande de madeira, formando as cabeças das bonecas. Seus rostos têm miçangas que formam seus olhos, cada uma com sua personalidade. Carla usa um vestido roxo e tem uma longa franja em crochê verde, que cobre um de seus olhos azuis. Já Julia tem um cabelo curto e alaranjado, que se assemelha a um chapéu. Vemos pequenos olhos amarelos, assim como seu vestido, atentos a tudo a seu redor.

Com algumas pessoas há essa leitura de serem duas bonecas, já com outras, essa percepção vem depois que ligam o título à história. Acredito que isso se deu, em parte, porque não fiz representações realísticas das bonecas, então a ligação de serem duas bonecas que se apaixonam, mesmo que o título indique isso, não se dá de imediato, pois não temos essa referência como padrão em nosso inconsciente coletivo, mas sim com histórias de amor sendo protagonizadas por casais heterossexuais (com um homem e uma mulher, ou mesmo um boneco e uma boneca).

Longe de querer colocar esse espetáculo como representação de todos os romances lésbicos, quis apresentar uma perspectiva minha, subjetiva, sem grandes pretensões de estabelecer regras. Busquei criar uma história entre duas bonecas, simples e colorida, que causasse empatia e alegria em quem assistisse, independente de idade, sexualidade e gênero. Uma história de amor

que inspirasse outras pessoas, cada uma a seu modo, assim como ela me inspira⁹. Pelos retornos que tive de quem assistiu a caixa, eu percebo que com muitas pessoas consegui que isso se tornasse realidade.

“Procure caminhos diferentes dos quais você frequentemente faz...”

O que escrevi até agora pode ter sido um tanto disperso, mas escolher tecer sobre certos fios que formam um imenso cobertor tem suas consequências. Penso no quanto mulheres têm influência direta na minha vida, não só pelo fato de eu ser lésbica. Desde minha mãe, minha vó, amigas de colégio, amigas de faculdade, professoras, namoradas, parceiras de trabalho, pessoas que conheci em eventos diversos, musicistas, atrizes, diretoras e tantas outras mulheres que nunca vi pessoalmente, mas que me inspiram profundamente.

Penso nas tensões que as diferenças entre as pessoas causam no convívio pessoal, profissional, me fazem refletir sobre o que eu quero para minha vida, sobre que histórias quero trazer à tona com o teatro.

Nos últimos anos, feminismos e pautas de ditas minorias (que são numericamente maioria), estão sendo mais aceitas nas mídias televisivas, sociais e ganharam visibilidade no mercado. Debates e lutas existentes há décadas estão vindo mais à tona, para grande público como de movimentos negros, feministas, LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Pessoas *Queer* e Intersexuais).

Acredito que foi compreensível que por ser homossexual e trabalhar com teatro de animação, construí um espetáculo sobre o amor entre duas mulheres. Diante desse fato, compartilho aqui um questionamento que me faço constantemente: e as histórias e vivências que não nos tocam tão diretamente? O que fazemos com elas? E os espetáculos de formas animadas com protagonistas pretas? Indígenas? Com pessoas transgêneras? Quantos deles existem e quantos já prestigiamos?

⁹ Para saber mais sobre os detalhes, reflexões e problemáticas dos processos citados, sugiro ler o memorial artístico que construí para defesa do meu título de mestre em artes cênicas, pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia). Ele pode ser encontrado no Repositório Institucional da Biblioteca da UFU, através do site https://repositorio.ufu.br/?locale=pt_BR. *Sombras de Amoras – Memorial Artístico do Processo Criativo de ‘Julia e Carla. Carla e Julia – uma breve história de amor em teatro lambe-lambe* foi construído, escrito, desenhado e editado praticamente todo a mão, de maneira artesanal, assim como a construção da caixa lambe-lambe.

Precisamos que somente atrizes e diretoras negras ou indígenas ou trans, por exemplo, nos façam essas indagações para que histórias assim venham em cena? Ou mesmo lendo este texto, você já tinha se indagado sobre o fato de haver pouquíssimos espetáculos em teatro de animação que falem de amor entre mulheres? Ou foi preciso uma atriz lésbica escrever sobre isso para que isso viesse à sua mente? Afinal, como estamos fazendo nossa parte de escuta daquilo que nos é “diferente”?

Não proponho aqui, de maneira alguma, que “tomemos” o lugar de fala das pessoas e comecemos a falar sobre como se fossemos “donos da razão” ou como se estivéssemos sendo “inclusivos”. Isso seria mais uma ação colonial e violenta. Trago esses questionamentos aqui pois é com muitos deles que me deparo quando vou criar.

Que história quero contar? Qual tema quero trazer à cena? Que sentimentos quero mexer no público? Aliás, o que mexe em mim? O que me toca? Quais cias tenho prestigiado? Quais espetáculos costumo consumir enquanto público?

É muito importante nos perguntarmos com quem estamos trabalhando, quais estão sendo nossas referências, direta e indiretamente. Quais as pessoas, quais as histórias, quais as vivências, quais as minhas subjetividades, quais sensações no público quero construir com as personagens que apresento?

Eu sou uma mulher lésbica, branca e cisgênera. Com minhas experiências pessoais, e enquanto atriz, tento criar a partir delas. Estou longe de ter “respostas corretas” ou mesmo as devidas “soluções” para tudo que relatei até aqui. Impossível contemplar todas as vivências, todas as diferenças e consequentemente todas as injustiças decorrentes delas. Mas também é impossível contemplar todas as lindas e distintas formas de amor possíveis entre as pessoas. Que enxerguemos, ou mesmo continuemos a enxergar, essa imensa realidade: nosso campo de criação é extremamente amplo! Temos muito, mas muito que aprender, conversar e trocar umas com as outras.

Se pensarmos só no território brasileiro, de proporções continentais e com população composta de diferentes descendências, pensemos na diversidade de vivências e referências que temos.

Boa parte das questões colocadas aqui fazem parte de longos e profundos debates acerca de desigualdade social entre gêneros, sobre racismo estrutural e as violências dele decorrentes e sobre representatividade de mulheres no teatro - tanto enquanto reconhecimento profissional, quanto à forma como somos representadas em cena. São questões que vão muito além dos limites deste artigo e que requerem escuta, leitura e reflexões diárias – tanto a nível individual, quanto coletivo.

Falar sobre mulheres no teatro de formas animadas é, para mim, falar de mãos que ajudaram, e ajudam, a construir minha trajetória enquanto pessoa e enquanto artista. É algo indissociável de meus pensamentos, de minhas ações. Se pararmos para pensar em quantas mulheres têm papel fundamental em nossas vidas, veremos o quanto estamos rodeadas delas e o quanto nossos trabalhos são influenciados diretamente por elas. Neste relato citei algumas com quem tive contato, mas garanto que são bem mais, afinal, somos infinitas! Assim como todo universo criativo que ainda temos a explorar...